

Ignácio M. Rangel

O Plano Collor situa a inflação no centro de toda a problemática econômica nacional. Está errado, porque a inflação é um epifenômeno, uma manifestação exterior da crise, não a própria crise, ou sequer o centro dela.

Por outro lado, a professora Zélia e seus jovens colaboradores, de quando em vez, como um "leit motiv", nos repetem a ameaça de mais recessão, como meio de combate à inflação e, de passagem, enquanto a inflação obviamente recrudescer, a recessão se agrava, com mais desemprego, menor produção industrial, queda do comércio e coisas assim, que ordinariamente refletem a queda da conjuntura. Parece que a idéia é encontrar bodes expiatórios para a estagnação que vai se implantando sorrateiramente.

Ora, a inflação integra a síndrome da recessão, com a mesma regularidade com que, nos períodos de alta conjuntura, manifesta-se tendência à estabilização dos preços. Podemos encontrar exemplos disso a mancheias. Voltaremos a este assunto. Entrementes, o que importa é que nossos planejadores, finalmente, começam a admitir implícita correlação entre a conjuntura e a inflação: uma é função da outra.

Parabéns, senhores planejadores. Estamos caminhando, embora a passos de cágado, pela dolorosa trilha da tentativa e do erro. Afastamo-nos da peregrina teoria da "inflação inercial", segundo a qual os preços sobem este mês, porque subiram no mês passado. Uma inflação movendo-se por seu próprio peso, como um "deus ex machina", ou melhor, como um homem que tente erguer-se do chão, puxando para cima os enfiadores dos próprios sapatos, pois é a isso que nos leva a infável "heterodoxia", que tantos "planos" já inspiro, com o mesmíssimo desfecho — de resto este que nos está chegando agora. Essa peregrina "teoria" já não vai sem tempo.

Com efeito, se à força de recessão podemos causar o estancamento da inflação, como estão dizendo incansavelmente os nossos planejadores, fica implícito que conjuntura e inflação são funções uma da outra e, mais ainda, que, das duas variáveis, a conjuntura é a variável independente, sendo a inflação, a dependente. Pergunto-me se S. Excia. a professora Zélia alcança plenamente a importância dessa descoberta. Tomara que sim.

O passo imediato, que nossos planejadores não deram ainda, mas que, pelo duro caminho do "try and error" acabarão por dar — eles ou seus sucessores —, consiste em definir o sinal dessa correlação: se positivo, ou negativo. Noutros termos: é quando a conjuntura se eleva que os preços sobem — como d. Zélia e seus colaboradores obviamente acreditam, quando apontam a recessão como remédio para a inflação — ou, ao contrário, isto é a inflação se exacerba quando a conjuntura declina, vale dizer, quando chega a recessão.

E claro que eles não admitem esta última hipótese — ou não cometeriam o equívoco de ameaçar-nos com recessão, como remédio para a inflação. Não ignoro que as ilusões, numa matéria como esta, em que tantos interesses, políticos e de outra índole, estão em causa, são persistentes, especialmente quando a seu favor militam falsas evidências.

Por exemplo, é nos períodos de alta conjuntura que a demanda é máxima, não sendo difícil persuadir o simples homem do povo, e até muitos economistas, inclusive ministros de Estado, de que a resposta a essa demanda exacerbada não pode ser outra senão a alta de preços, vale dizer, que a conjuntura e a inflação se correlacionam positivamente.

A diferença entre o homem do povo e o ministro de Estado está em que este pode mandar facilmente comprovar essa hipótese — porque não passa de uma hipótese, por mais plausível que pareça. Em meu opúsculo "Economia: Milagre e Anti-Milagre", do qual a Zahar já esgotou duas edições, o desmentido dessa hipótese foi feito (Págs. 50-51), relacionando dados conjunturais (produção industrial) e do índice geral de preços, para todo o quartel de século 1958-83. Com desconcertante pontualidade, pouco contraditória, quando se correlacionam essas variáveis, podemos ver que é quando a conjuntura declina, que a taxa de inflação sobe, e vice-versa. Continuo a esperar uma contradição.

Isto posto, podemos excluir de plano a possibilidade de combater-se a inflação via recessão. A inflação se exacerbará, sem falta. O contrário é que é verdade, isto é: se insistimos tanto em combater a inflação, o que devemos fazer é forçar por promover a retomada do crescimento econômico.

A retomada do crescimento tra-

rá, por certo, a exacerbação da demanda. Mas o que realmente importa é o comportamento da razão oferta/demanda. Ora, não há dúvida de que, com a elevação da conjuntura, elevar-se-ão ambas essas variáveis: oferta e demanda, se bem que em medida diversa. O suposto de que os preços se elevarão, por efeito da elevação da conjuntura, implica na pressuposição de que a demanda crescerá mais que a oferta.

Várias coisas podem influir nesse balanço, isto é, no comportamento da razão incremental oferta:demanda globais. Mas, pelo menos desde Keynes, devemos saber que, para isso, seria mister uma economia em regime de pleno emprego, que implicaria em custos de produção unitários/crescentes, no caso de reativação da economia. Ora, qualquer estudante de economia deve saber que todos os preços — e não apenas os dos produtos incrementais — tenderão a subir, emparelhando-se com os custos marginais.

Isto, é claro, na hipótese pouco plausível de estar a economia em regime de pleno emprego. No caso de um emprego menos que pleno, os custos unitários marginais serão decrescentes, na generalidade dos casos, trazendo implícita a tendência à queda do índice geral dos preços. Noutros termos, ao elevar-se a conjuntura, os preços tenderão a baixar — ou, pelo menos, a taxa de inflação tenderá a baixar — precisamente o oposto do que imaginam a professora Zélia e seus colaboradores. E, ai de mim, muitos dos seus críticos, que também acreditam nessa falácia, desorientando seus assessorados opositores ao Plano Collor.

O problema não é tão simples, até porque, não obstante nosso subdesenvolvimento, a competição, em muitas atividades decisivas, tornou-se imperfeita, generalizando-se os oligopólios-oligopsônios — capazes de se comportarem como se monopólios-monopsônios fossem. Graças a isso, o empresariado pode ignorar o declínio do custo marginal dos seus produtos, a menos que se eleve a eficácia marginal dos seus investimentos — o que acontece quando a conjuntura se eleva. Se a conjuntura declina e, com ela, a eficácia marginal do capital, não haverá como barrar a tendência à exacerbação da inflação.

□ Ignácio M. Rangel é jornalista e economista